



## EXERCÍCIOS PARA MATAR UM GATO

Wagner Vonder Belinato<sup>1</sup>

### I

Matei teu gato.

Armei sutis tramas para transitar tranquilo sobre o teu corpo.

Mas foi só muito depois que matei teu gato, colocando veneno na água que ele bebia e que você, cuidadoso, filtrava e trocava duas vezes ao dia, sempre uma água limpa, fresca.

Antes disso, tratei de cortar, com uma tesoura bem afiada, tuas asas. Primeiro as pontas. Depois, duvidando que ainda conseguirias voar, centímetro a centímetro, derrubei ao chão a asa esquerda. O sangue pintando de rubro minhas mãos, ainda tive tempo de vacilar. Mas ainda assim repeti a meticulosa ação para que, tolhido das asas, não pudesses voar. Certifiquei-me de que não tens nada de réptil, nem Dragão de Komodo, nem Salamandra nem mesmo uma sutil lagartixa, capaz de deixar um pedaço de si para escapar. Queria-te amarrado. As asas não cresceriam mais. Por isso é que fui pintando de vermelho nossas mãos, nossos corpos, nossa cama por inteiro.

É porque me dava inveja de ouvir o pires do gato batendo nos azulejos, o bicho roçando na tua perna, tomando todos os espaços do apartamento é que primeiro proibi-o de entrar nos quartos. Nada que tivesse teu cheiro seria por ele tocado. Depois, não me contendo, o matei.

### II

Mas não sou assim, violento. Nunca o fui, sabes. Só quero que me entendas. O felino tomava demais de você, não havia espaço para ambos. Mas não tenho ímpeto

<sup>1</sup> Professor de Língua e Literaturas Francesa da Universidade Estadual de Maringá, Mestre em Letras pela mesma instituição e colunista do site [www.maringay.com.br](http://www.maringay.com.br); E-mail: [wbelinato@yahoo.com.br](mailto:wbelinato@yahoo.com.br)



assassino. Não matei minha mãe, tampouco por minha causa meu pai foi a um campo de concentração. Não foi por querer ou por maldade que os denunciei. Era a fome, aquela megera, apontando os dedos para o esconderijo deles, em troca de um sorridente pedaço de pão. Era a fome das ruas, dos meninos levados gastando tempo demais enquanto todos deveriam se esconder. Foi o general, descobri depois, quem me ofereceu aquele naco de energia. O casaco todo trespassado de estrelas, insígnias. Que soube depois o que eram. Quando era tarde demais e eu já sabia manusear facas, adagas e tesouras.

### III

Também não foi assim brutalmente, feito moleques franceses, que matei teu gato. Queria saber me divertir um pouco, claro, como os garotos que, na noite dos massacres, saíam atrás dos gatos soltos de Paris a matá-los impunemente. Os miados já não deixavam os parisienses dormir, é preciso entender. Nem foi com ardis nazistas que isolei-te do mundo ao teu redor, construindo para ti uma gaiola com grades metálicas que, desculpe, não ultrapassarás.

Só caíbo eu na gaiola que te armei. Mas é para que, neste pequeno espaço, sejas compelido a me tocar, como antigamente o fazia, escorregando pelo meu corpo, mesmo que tua intenção seja tão e somente buscar o pouco de ar que ainda resta. Mas não é maldade: fiz isso para proteger-te de ti mesmo, pois que te machucarias, te maltratarias nas cinzas que restam do mundo de lá fora. Caminhos tornados em cinzas, pessoas tornadas em cinzas, um livro infantil do Michael Ende, pessoas que não cruzam mais caminhos, olhos que não vêem mais, fantasmas que nem assustar mais assustam, sóis que não esquentam mais os dias na atmosfera pesada de lá fora.

Guardei-te aqui para guardar-te de ti, querendo teu bem. Fui, aos poucos e tão sutilmente te aprisionando que nem notaste quando não havia mais espaço para o mundo além.



## IV

Armei-te doces jantares. Pedi que cozinhasses pra mim. Toalhas de renda, candelabros, manjares nas sobremesas. Atencioso, cozinhavas os pratos mais estranhos que eu pedisse, copa e cozinha, disseste uma vez. Foi o que fiz cumprir. Distanciando primeiro dos exnamorados, moeda de troca dos meus ciúmes. Depois, sem ter mais motivos para desconfiar de ti, pedi-te também que esquecesse certos amigos um pouco mais íntimos. A linguagem que queria pra mim e, por fim, tirei teu emprego, tua empregada, matei teu gato.

Mudei, sem que percebeste, tua rotina de pássaro livre. Priveite primeiro do sabiá, teu irmão de vôos soltos pelas tardes de chumbo. Te convenci de que nem vôos nem tardes de chumbo te levariam a lugar algum. Que ali embaixo só havia cinzas. Seduzi-te, depois.

De tal modo apaixonado ficaste, que teu corpo chamava pelo meu, a cada dia mais e mais intensamente. Inventei também que outros corpos não havia e que somente a ti eu te bastava. Que eu era razão e calor e água pro banho e água pra sede.

E paisagem e cerca. E cada vez mais cerca, grade, limite.

Foi quando te cerquei completamente. E tão sutil que nem percebeste as tramas que enredei. Ou foi intencionalmente que te deixaste trancar aqui, sedento de um sol para girar ao redor. E fabriquei ventos cada vez mais tempestuosos, redemoinhos atrozes movendo as cinzas da tarde. E o chumbo.

## V

Foi só quando percebi que, ainda assim, tolhido por ventos ferozes, sem asas, sem mundo, sem água nem manjares, ainda assim não paravas de voar que matei teu gato. É que sempre tive ciúmes do teu corpo. De qualquer outro corpo no teu. De cada parte dele que eu conheci e que reconhecia cada dia de novo. E de qualquer pessoa que o conhecesse também. Modifiquei teu passado na minha memória. Não foi suficiente.



## VI

E não fiz questão nenhuma de ser sutil. Ou de esconder minha autoria, os venenos que usei ou coisa assim. Não queria envenená-lo. As ganas que tive eram de, pelo a pelo, arrancar todos os que o cobriam, bichano branco e marrom, inundando a casa de miados e grunidos. Arrancar, ainda mais ferozmente, as unhas que me machucaram, esganá-lo e deixá-lo pendurado no hall de entrada para que, chegando, fosse a primeira coisa que visse. Não o fiz, contudo. Não consegui sujar minhas mãos, mais uma vez. Mas matei-o de fome. Primeiro, atencioso, disse que não te preocupaste, que eu cuidaria dele. Que daria carinho, banho, comida.

Nunca mais houve água filtrada. Mudei-a para água da chuva, suja de chumbo das tardes cinzentas. Ainda assim, ele a aceitou.

Adicionei cândida à água. Sorri satisfeito. Sentindo o cheiro químico do líquido, ele parou de beber. E recorreu à comida. Rações, era o que lhe servia. Continuei a servi-la, primeiro mais espaçadamente, depois, ainda insatisfeito, sete vidas tem os gatos, buscam água em qualquer lugar, viram-se e reviram-se do avesso, misturei-a com Diabo Verde. Fechei todas as portas e janelas, certifiquei-me de que não haveria maneiras de ele recorrer a outro alimento senão aquele depositado no já imundo chão da área de serviço.

Quando não havia mais vida no bicho, dei-te com uma formosa moldura, em forma de fóssil. Nunca mais, nada entre nós.

## VII

Mas, sem coragem de te dizer tudo isso, fico aqui, parado na porta do teu apartamento, com este ramalhete de flores murchas na mão. E tu que não chegas logo pra eu gritar que te amo.